

Práticas torcedoras transgressoras no templo da virilidade: a experiência da Coligay

Transgressive fan practices in the temple of virility:
the experience of Coligay

Luiza Aguiar dos Anjos

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Timóteo/MG, Brasil
Doutora em Ciências do Movimento Humano, UFRGS
luizaaguiardosanjos@gmail.com

Maurício Rodrigues Pinto

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutorando em Antropologia Social, USP

RESUMO: Neste artigo analisamos a torcida Coligay, chamando atenção para sua dimensão política transgressora. Formada predominantemente por homens cisgêneros gays, foi criada em 1977, durante o regime militar. Fez história pela afirmação explícita de sexualidade considerada desviante em um universo tratado como reduto de homens cisgêneros e heterossexuais, recorrendo a manifestações torcedoras lidas como afeminadas, extravagantes e debochadas, que destoavam de referenciais viris de masculinidade cobrados e valorizados no futebol. Refletimos sobre as estratégias adotadas e fatores que contribuíram para que a Coligay obtivesse respeito e reconhecimento. Exploramos também sua relação com o cenário e movimentações políticas e culturais homossexuais/LGBT+ e que desafiavam as normas de gênero e sexualidade naquela época, buscando complexificar compreensões sobre a atuação política da torcida, reconhecendo seu potencial transgressor ao ter ampliado espaços de visibilidade pública de sujeitos lidos como dissonantes e contribuído, em alguma medida, para a desconstrução de estereótipos e preconceitos dirigidos a pessoas LGBT+.

PALAVRAS-CHAVE: Coligay; Futebol; Homossexualidade; LGBT+; Política.

ABSTRACT: In this article we analyze the Coligay football fan base, drawing attention to its transgressive political dimension. Coligay was formed by predominantly by gay cisgender men, created in 1977, during the military regime. It made history by the explicit affirmation of sexuality considered deviant in a universe treated as a stronghold of cisgender and heterosexual men, resorting to supporters' manifestations read as effeminate, extravagant, and debauched, which were at odds with the manly references of masculinity demanded and valued in football. We reflected on the strategies adopted and factors that contributed to Coligay obtaining respect and recognition. We also explore their relations with the homosexual/LGBT+ political scene and movements and those that challenged gender and sexuality norms at that time, seeking to complexify understandings about the group's political action, recognizing their transgressive potential by having expanded spaces of public visibility of subjects read as dissonant and contributing, to some extent, to the deconstruction of stereotypes and prejudices directed to LGBT+ people.

KEYWORDS: Coligay; Football; Homosexuality; LGBT+; Policy.

INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil e na maior parte do mundo caracteriza-se como um universo de reverência a um ideal de masculinidade que tem na virilidade um de seus valores distintivos, com frequência acompanhada também de endosso ao machismo e à homofobia.¹ Se não há como negar a ambiência hostil de tal modalidade às masculinidades que fogem a esse padrão, cabe também reconhecer a existência de movimentos que rompam com tal norma de gênero, demonstrando que o futebol movimenta e manifesta paixões de forma mais plural do que um olhar apressado poderia indicar.

Um exemplo emblemático disso é a Coligay, torcida do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (RS), que, como o próprio nome indica, era formada predominantemente por homens identificados como gays – ainda que contasse também com algumas travestis e mulheres lésbicas –, e que se fez presente nas partidas da equipe tricolor entre 1977 e o início da década seguinte. Ao afirmarem explicitamente essa sexualidade dita desviante, por meio de manifestações torcedoras afeminadas, extravagantes e debochadas que destoavam da postura viril cobrada e valorizada nas arquibancadas, interpretamos a Coligay como uma iniciativa política transgressora. Em diálogo com Judith Butler, é possível interpretar a existência da Coligay como uma reivindicação pelo aparecimento, de visibilidade pública, assim desestabilizando a norma que visa naturalizar o futebol como um reduto de homens cisgêneros² e heterossexuais.

... quando corpos se juntam na rua, na praça, ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercendo um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais, e políticas, não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária.³

¹ ALMEIDA. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*.

² De acordo com Aultman (2014, p. 61-62): “O termo cisgênero (do latim cis-, que significa “do mesmo lado que”) pode ser usado para descrever indivíduos que possuem, desde o nascimento até à idade adulta, os órgãos reprodutores masculinos ou femininos (sexo) típicos da categoria social de homem ou mulher (gênero) a que esse indivíduo foi atribuído ao nascimento. Assim, o sexo de uma pessoa transgênero está do mesmo lado que o seu sexo atribuído ao nascimento, em contraste com o sexo de uma pessoa transgênero que está do outro lado (trans) do seu sexo atribuído ao nascimento. Cisgênero surgiu de discursos ativistas trans* na década de 1990, que criticavam muitos lugares comuns nos modos de descrever sexo e gênero. Os termos homem e mulher, deixados sem marcas, tendem a normalizar a cisgeneridade - reforçando a “naturalidade” não declarada de ser cisgênero. Assim, utilizando as identificações de “homem cis” ou “mulher cis”, juntamente com a utilização de “homem trans” e “mulher trans”, resiste a essa reprodução de normas e à marginalização das pessoas trans* que tais normas produzem” (tradução nossa).

³ BUTLER. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria [...]*, p. 17.

A trajetória e as performances da Coligay permitem pensar sobre uma ação política no âmbito do corpo, da linguagem e das reivindicações de direitos.⁴

Embora haja registros dispersos de outros agrupamentos de homossexuais que frequentaram estádios brasileiros contemporâneos à Coligay,⁵ essa torcida pode ser considerada um marco pela dimensão que alcançou, sendo uma das principais torcidas de um dos chamados “grandes clubes” nacionais durante os aproximadamente três anos em que esteve em atividade. Ademais, seu surgimento e popularidade parecem ter impulsionado o aparecimento de outras “torcidas gays” pelo país.⁶

Reconhecendo a relevância dessa torcida, analisamos a experiência da Coligay, evidenciando como sua existência foi possível a partir de um conjunto de condições particulares daquele grupo, assim como de estratégias e negociações empregadas por integrantes da torcida, que se conectavam com um contexto de crescente visibilidade de manifestações culturais e políticas que transgrediam a heteronormatividade e o binarismo de gênero.

Para isso, fazemos uso de entrevistas realizadas sob o aporte teórico-metodológico da História Oral⁷ com integrantes da Coligay e outros atores ligados ao Grêmio, cujos dados são triangulados com registros de periódicos publicados no período de atividade da torcida, fontes essas produzidas durante pesquisas de pós-graduação desenvolvidas pela autora e o autor deste texto.

A COLIGAY E O DESBUNDE DA DÉCADA DE 1970

Em acintoso desafio ao machismo gaúcho, foi fundada, no mês passado, em Porto Alegre, uma insólita torcida futebolística, a Coligay, de cujos membros se exige apenas não levar muito a sério a masculinidade.⁸

⁴ GRAÇA. Performatividade e política em Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos.

⁵ Ao tomar conhecimento sobre a recém-criada Coligay, o treinador do Grêmio Telê Santana afirmou que havia conhecido um agrupamento similar do Cruzeiro (MG), sugerindo a existência de uma torcida gay que antecedeu à gremista (ANJOS, 2018).

⁶ ANJOS. De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay. PINTO. *Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol*.

⁷ ALBERTI. Fontes orais: história dentro da história.

⁸ EM ACINTOSO... *Veja*, p. 71.

Em 10 de abril de 1977, o time do Grêmio ia até a cidade de Santa Cruz do Sul enfrentar o time local em partida válida pela fase classificatória do Campeonato Gaúcho. O maior objetivo do time era impedir que o seu arquirrival, o Sport Club Internacional – à época bicampeão nacional e uma das grandes potências futebolísticas do país –, conquistasse o inédito eneacampeonato estadual, consolidando ainda mais a sua hegemonia no Rio Grande do Sul. A princípio, seria mais uma partida envolvendo um grande time nacional contra uma equipe de menor expressão, se não fosse pela primeira aparição de uma nova e inusitada torcida do tricolor gaúcho, a Coligay.

A torcida nasceu por iniciativa de Volmar Santos, empresário e então dono da boate gay Coliseu, situada em Porto Alegre/RS. A casa constituiu-se em um importante ponto de encontro de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT+⁹) da cidade, mas também recebia qualquer pessoa apreciadora da vida boêmia. Dentre as suas atrações, destacavam-se as apresentações e performances artísticas protagonizadas por travestis e transformistas.

A fundação da Coligay ocorre um ano antes do que se convencionou chamar de marco inicial do movimento homossexual brasileiro – a constituição do Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, futuramente rebatizado como Somos – Grupo de Afirmação Homossexual. Já o primeiro grupo do Rio Grande do Sul, o Nuances, só veio a ser criado em 1991.¹⁰

Apesar da inexistência de grupos de militância formalmente constituídos em Porto Alegre durante a trajetória da Coligay, é possível afirmar que a cidade estava sendo sensibilizada pela circulação de ideias e performances relativas à liberdade sexual e à exploração do corpo, por meio da imprensa, das artes e dos espaços públicos e privados apropriados para sociabilidades entre pessoas LGBT+, influenciada pelo que se passava em outros centros urbanos brasileiros e de fora do país. Sobre esse período que antecedeu a fundação do Nuances, o ativista Célio Golin descreve:

⁹ O uso do “+”, após o “LGBT” visa ampliar as possibilidades de identificação coletiva às pessoas cujas identidades destoam do referente cisgênero heterossexual. Destacamos que apesar da sigla não ser utilizada no período que descrevemos – década de 1970 – optamos pela sua adoção quando nos referirmos a grupos que não eram compostos exclusivamente por homossexuais, caso da própria Coligay. Mesmo que o referente “homossexual” naquele momento contemplesse essa diversidade, preferimos visibilizá-la a partir da sigla LGBT+.

¹⁰ GOLIN. *Nuances 25 anos*.

Eu por exemplo, eu não comprava o Lampião,¹¹ mas tinha, porque o Lampião era incrível, naquela época o Lampião ele era vendido nas bancas de revista, nas capitais principalmente. E em Porto Alegre tinha, porque depois conversando com as outras bichas mais da antiga: “Ah, eu comprava ali na Salgado Filho, na banca tal”. E claro, e depois a gente foi e ficou sabendo toda esta questão e fomos vendo, então havia, porque havia claro, havia todo um movimento, há toda uma sociabilidade, mas claro uma sociabilidade clandestina, que era aquela coisa de se passar e se olhar, diferente de hoje, havia, a cidade havia vários guetos, saunas, lugares de pegação, isto desde a década de 1940, 1950, pelo menos os relatos que a gente tem e o que a gente tem conhecimento, provavelmente sempre existiu.¹²

A Coligay inegavelmente compõe esse circuito de “sociabilidades clandestinas”, citado por Célio. Além disso, o vínculo da torcida com uma casa de espetáculos que era um local de encontro e sociabilidade da comunidade LGBTQ+ de Porto Alegre combinada à ocupação de um espaço tradicionalmente negado a essa população – os estádios de futebol – indica que a torcida esteve inserida em um processo mais amplo que antecedeu e deu condições à emergência da militância em grupos politicamente organizados.

Outro ponto que reforça a ligação da Coligay com a movimentação homossexual de Porto Alegre é que parte do apoio estrutural e financeiro que a torcida recebia para conseguir viabilizar a festa que realizavam nas arquibancadas e acompanhar regularmente os jogos do Grêmio onde o time estivesse, vinha da comunidade gay local. Em entrevista ao jornal Zero Hora, em outubro de 1977, Volmar Santos explicava que as túnicas, a charanga e o transporte da torcida eram viabilizados “pelo Movimento gay de Porto Alegre”.¹³

Essa movimentação pré-militante a que nos referimos se caracteriza pela conquista de espaços de visibilidade pública desses sujeitos e também pela constituição de um cenário cultural e artístico, principalmente notabilizada no eixo Rio-São Paulo, mas que também se fez efervescente em outros estados brasileiros. De

¹¹ O Lampião da Esquina foi um importante jornal da imprensa alternativa brasileira “editado no Rio de Janeiro, por jornalistas intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade, procurando forjar alianças com as demais ‘minorias’, ou seja, os negros, as feministas, os índios e os movimentos ecológicos. [...] O jornal certamente foi de grande importância, na medida em que abordava sistematicamente, de forma positiva e não pejorativa, a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existenciais e culturais” (FRY; MCRAE, 1985, p. 21). Circulou mensalmente de maio de 1978 a junho de 1981, totalizando 37 números, chegando a alcançar a marca de 20 mil exemplares mensais distribuídos por todo o país.

¹² GOLIN. *Depoimento de Celio Golin*, p. 5.

¹³ GERCHMANN. *Coligay: tricolor e de todas as cores*, p. 97.

acordo com Green, entre os anos de 1969 e 1978 há uma proliferação de espaços urbanos de sociabilidade homossexual, além de uma maior repercussão de produções culturais e artísticas que transgrediam com convenções de gênero e sexualidade:

Bares, discotecas e saunas proliferam. Esse avanço era parte do fenômeno generalizado do crescimento das oportunidades de consumo entre a classe média urbana. Travestis vivendo na prostituição inundaram a região do centro do Rio de Janeiro e de São Paulo e os michês começaram a ser vistos com frequência cada vez maior nas ruas das duas cidades. No campo cultural, os cantores da MPB, como Ney Matogrosso e Caetano Veloso, projetavam uma imagem andrógina e insinuavam sua bissexualidade ou homossexualidade. Essas mudanças anteciparam o surgimento de um movimento gay politizado no Brasil.¹⁴

Em 1976, era lançada a “Coluna do Meio”, assinada pelo jornalista Celso Curi e publicada pelo diário paulistano Última Hora. “A coluna incluía comentários sobre personalidades gays nacionais e internacionais e notícias de bares e clubes noturnos entendidos...”¹⁵ O sucesso da coluna e a sua repercussão nacional contribuíram para o fortalecimento da imprensa alternativa que se dirigia para o público homossexual, culminando com o lançamento do Lampião da Esquina, em 1978.

Outro importante expoente desse contexto artístico e cultural é o grupo carioca Dzi Croquettes (1972-1976), que alcançou enorme popularidade tanto no Brasil, como em turnês pelo exterior, com as suas coreografias e apresentações performáticas, que incluía referências ao travestismo e à androginia. Dessa forma, o grupo transgredia o estereótipo do ser “bicha” e complexificava as próprias noções de masculinidade, algo absolutamente inovador para a época. Em algumas de suas performances, acessórios e referências do campo esportivo – tais como luvas de boxe e meiões de futebol, modalidades lidas como viris e redutos de uma masculinidade cisheteronormativa¹⁶ – eram ressignificados ao serem combinados com elementos e performatividades associadas a ideais de feminilidade.

¹⁴ GREEN. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, p. 406.

¹⁵ GREEN. *Além do carnaval*, p. 430.

¹⁶ Mattos e Cidade definem a cisheteronormatividade e a sua reiteração em diferentes campos do conhecimento dessa forma: “No que diz respeito às questões de gênero e sexualidade, consagrou-se como um campo especialmente prolífico na produção de conceitos, categorias e teorias que promoveram uma naturalização do elo entre determinado genital, sexo, gênero e orientação sexual. Tal naturalização, fundada sobre preceitos evolucionistas (que ressaltam os fins reprodutivos da dimensão sexual humana), foi nomeada por autoras transfeministas como cisheteronormatividade, identificável em diferentes campos do conhecimento” (2016, p. 135).

Os Dzi Croquettes colocaram nos palcos brasileiros uma ambiguidade virulenta inédita entre nós – influenciado pelo espírito dos *gender fuckers* americanos. Em seus espetáculos, homens de bigode e barba apresentavam-se com vestes femininas e cílios postiços, usando meias de futebol com sapatos de salto alto e sutiãs em peitos peludos. Assim, nem homens nem mulheres (ou exageradamente homens e mulheres), eles dançavam em cena e contavam piadas cheias de humor ambíguo, tentando furar o cerco repressivo desse período ditatorial em que a censura e a polícia mobilizavam-se ao menor movimento que destoasse dos parâmetros permitidos. Os Dzi Croquettes tiveram sucesso fulminante entre a juventude mais insatisfeita da época, constituindo, no palco e fora dele, um importantíssimo núcleo de questionamento da moral sexual... [...] Graças à sua radicalidade ('viver perigosamente até o fim'), a intervenção dos Dzi Croquettes iniciou no Brasil um importante debate de política sexual, ao colocar em xeque os papéis sexuais instaurados e introduzir a ambiguidade-bicha em contraposição à bicha-normalidade...¹⁷

Tal radicalidade na transgressão de normas de gênero fazem parte de uma atitude política que ficou conhecida como “desbunde”. O “desbunde” constituiu-se em uma forma de resistência política ao autoritarismo da ditadura militar vigente no Brasil, que ficou fortemente associada à homossexualidade masculina e ao movimento gay brasileiro:

Ainda que a contragosto, a cruel ditadura brasileira instaurada a partir de 1964 imprimia um impulso peculiar em certas áreas da vida nacional, nos anos 70. A urgência de uma modernização em ambiente avesso à prática política democrática talvez tenha favorecido, entre os jovens, o surgimento de movimentos de liberalização nem sempre alinhados com orientações ideológicas precisas. Daí porque uma das palavras-chave do período foi o “desbunde” ou “desbum”. Alguém desbundava justamente quando mandava às favas – sob aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não-partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade...¹⁸

Pela falta de engajamento nos moldes tradicionais de luta política, os/as desbundados/as eram muitas vezes associados à alienação, colocados no outro extremo dos/as militantes, embora, aos olhos da ditadura, fossem marcados/as como parte do plano subversivo contra a segurança e a moralidade nacional,¹⁹ pela associação da homossexualidade “a uma forma de degeneração e corrupção da juventude”.²⁰ A

¹⁷ TREVISAN. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, p. 288.

¹⁸ TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 284.

¹⁹ OLIVEIRA. Desbunde e resistência: terceiras margens do lado de lá do lado.

²⁰ QUINALHA. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro, p. 22.

pauta homossexual inseria-se nesse contexto mais amplo de exploração dos desejos e de recusa da domesticação dos corpos.

O processo de “saída do armário” e de rompimento com a ideia do “gueto” ao qual estavam relegadas as pessoas LGBT+ passa a ganhar maior visibilidade no decorrer da década de 1970, em meio a um processo lento de abertura política do regime militar. De acordo com Facchini, tal processo ocorre a partir da emergência de novas formas de articulações políticas de caráter antiautoritário e a constituição de agrupamentos militantes, como os grupos vinculados aos movimentos feminista, lésbico e homossexual, que se opunham à ditadura militar e que visavam a garantia plena de direitos políticos e de cidadania para sujeitos historicamente estigmatizados e subalternizados na sociedade brasileira.²¹

Para Souza (2013), o movimento homossexual brasileiro, influenciado pelos ecos do discurso da “Liberação Sexual”²² proveniente dos movimentos gays da Europa e dos Estados Unidos, buscava também inserir no debate público a situação de “condenação moral e cultural de minorias e identidades coletivas estigmatizadas”,²³ além de produzir novos sentidos para a experiência de ser homossexual.

O tema e a visibilidade pública das pessoas LGBT+ passou a alcançar também os veículos midiáticos hegemônicos e, em agosto de 1977, a revista semanal *Veja* apresentava uma reportagem especial sobre o crescimento da visibilidade gay no país. O texto dava destaque à cena homossexual da cidade de Porto Alegre e ao surgimento da Coligay, tratada pela reportagem como um marco significativo na desconstrução de estereótipos associados à homossexualidade: “E em Porto Alegre, afinal, a singular expansão de estabelecimentos do setor desaguou, recentemente, na criação da Coligay – a torcida declaradamente homossexual do Grêmio Porto-Alegrense, com 150 adeptos”.²⁴

²¹ FACCHINI. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*.

²² De acordo com Souza (2013, p. 91), “o enquadramento interpretativo ‘Libertação Sexual’ foi fundamental para interpretar a conjuntura política específica da liberalização do regime militar e conectá-la à experiência de estigmatização sofrida pela comunidade homossexual, já que ambos os termos incluíam em si uma mesma ideia: a de que a superação da subordinação política e social só seria possível pela promoção da liberdade nos mais diversos âmbitos”.

²³ SOUZA. “*Saindo do Gueto*”: o movimento homossexual no Brasil da abertura, 1978-1982, p. 46.

²⁴ CHRISÓSTOMO. Um gay power a brasileira, p. 66.

Mais do que declarar-se homossexual, a Coligay performavam práticas torcedoras e de ocupação dos estádios de futebol associadas à tal identidade – em alguma medida, recorrendo a estereótipos associados à homossexualidade, mas também os transgredindo e complexificando o entendimento acerca das vivências homossexuais –, em um engajamento fundamentalmente corporal.

A turma chegou ao estádio com seis das dezenas de seus integrantes vestindo longas túnicas listradas, as caftãs, perpassadas por filetes azuis pretos e brancos. Cada qual trazia em sua caftã, bem grande, uma das letras da palavra G-R-E-M-I-O, formatadas em ordem para se perfilarem no nome do clube que era a motivação dos rapazes sob a mirada curiosa dos outros torcedores, a maioria perplexa, alguns chocados e boa parte achando tudo aquilo muito divertido.²⁵

Eles eram muito alegres, eram muito gay, porque além de tudo isso eles eram gay, gay, quer dizer alegre, tu sabe, né, originalmente, então, eles eram alegres, eram histriônicos, eram ruidosos, eram estridentes, entendeu? E cantavam e, pô, de túnica e uns diziam ‘não tenho nada por baixo, só a minha paixão pelo Grêmio’.²⁶

A torcida chamava atenção pelas suas indumentárias, pela sua manifestação afeminada e debochada, e pela animação com que torciam, impulsionados por uma charanga própria que acompanhava os cantos em apoio ao Grêmio, puxados ininterruptamente pelo grupo ao longo de toda a partida. Dessa forma, a Coligay se destacou por apresentar uma prática de torcer, conforme as palavras do próprio Volmar, “mais animada”, que buscava se distinguir das então torcidas “oficiais”. Essa afronta às práticas torcedoras estabelecidas pode ser interpretada como uma forma usada pela Coligay de levar o desbunde para o campo futebolístico. Mas como isso foi possível?

DESBUNDADOS, MAS NEM TANTO

Um torcedor colorado resolveu provocar os alegres integrantes da Coligay que se dirigiam ao Olímpico e gritou:

– Bichonas!

A resposta veio em cima, de um torcedor gremista:

– São bichas, mas são nossas!²⁷

²⁵ GERCHMANN. *Coligay*, p. 19.

²⁶ BUENO. *Depoimento de Eduardo Rômulo Bueno*, p. 35.

²⁷ SÃO NOSSAS, p. 30.

A Coligay inegavelmente subvertia os parâmetros normativos de gênero, sobretudo aqueles esperados de um torcedor de futebol: vestiam túnicas, usavam chapéus e cachecóis de plumas, reboavam, dançavam, gritavam de forma estridente, elogiavam os atributos físicos dos jogadores. Ainda assim, a torcida demonstrou adotar limites às suas ações.²⁸

O líder da torcida, Volmar Santos, se esforçava para garantir o respeito a tais parâmetros, evitando supostos exageros de colegas. Uma nota da ZH registrou uma de suas advertências a seus colegas de torcida, durante uma ação no Estádio Olímpico em função das eleições presidenciais do Grêmio: “Não exagerem, queridinhas”.²⁹ Em sua entrevista, o gremista explicou seu entendimento com relação ao comportamento que esperava dos membros da torcida:

Eu acho, assim... Olha, ser gay não é andar reboando pela rua e se vestindo de mulher e tomando certas atitudes que não deve tomar, entende? Acho que não é por aí a coisa. Existe hoje, inclusive, muitas pessoas que tu não imagina que são gays e que são gays. [...] Mas a gente não pode também criticar né? Cada um sabe da... Como é que se diz? Onde aperta o calcanhar. Cada um sabe como deve agir e como deve ser. Eu sou totalmente contra esse negócio de andar por aí se *fresqueando*, como se diz na gíria. Sou totalmente contra porque não tem necessidade disso.³⁰

[...] eu sempre fui muito firme nas minhas propostas e na minha maneira de agir e de ser. Sempre ajudei muito e acho que eu devo ter dado muita força para determinadas pessoas, que até mudaram a maneira de ser por tudo aquilo que eu falava e que eu explicava. Porque eu fazia muitas reuniões com o pessoal e explicava “não é assim que se faz, tem que procurar melhorar, não é assim, pare com isso”. E aos poucos foram aprendendo a se comportar um pouco melhor, né?³¹

A citação aponta algumas das atitudes interpretadas como desnecessárias, que deveriam ser evitadas, como “fresqueagens”, andar reboando pela rua e o uso de vestidos, contribuindo para que os integrantes tivessem um comportamento “um pouco melhor”. O ponto de vista exposto pelo gremista coaduna com uma perspectiva heteronormativa, na qual toda pessoa, heterossexual ou não, deve adequar sua

²⁸ ANJOS. De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria.

²⁹ AGITA-SE..., p. 40.

³⁰ SANTOS. *Depoimento de Volmar Santos* (2016), p. 25-26.

³¹ SANTOS. *Depoimento de Volmar Santos* (2016), p. 26.

vida ao modelo supostamente coerente da heterossexualidade.³² Essa lógica pressupõe a imposição da cultura heterossexual como “forma elementar de associação humana, como o próprio modelo das relações intergênero, como a base indivisível de toda comunidade, e como os meios de reprodução sem os quais a sociedade não existiria”.³³ Assim, se dados contextos tornam a homossexualidade uma sexualidade possível, sua aceitabilidade está atrelada à expressão de um gênero inteligível, coerente com a linearidade sexo-gênero.³⁴

Em que pese a liderança e autoridade de Volmar, inclusive no estabelecimento dos padrões de conduta da Coligay, os demais integrantes demonstraram aceitar tais normas sem maiores incômodos, não manifestando se sentirem controlados ou cerceados por ele. O integrante do grupo Serginho afirma que ele “comandava sem mandar”:

Na verdade, eu não tenho nem ideia de como é que ele agia, só que a gente respeitava ele, de maneira geral. Não sei se é porque ele era dono da boate, talvez seja por isso, porque lá na boate a gente tinha que ter uma certa conduta... Mas ele não dizia nada, só “você sabe o que você tem que fazer, vai ter que torcer pelo Grêmio, vamos nos divertir até a hora do jogo, na hora do jogo torcer pelo Grêmio, quando terminar o jogo nos divertimos de novo, até chegar em Porto Alegre ou cada um nas suas casas”. Não tinha nada de comando, só do legal, não tinha nada de mandar, ele não mandava em ninguém. Se ele não gostava de algum comportamento de alguém ele chamava esse alguém de canto e dizia “olha, próximo jogo tu não vai”, “vamos ver se tu muda seu comportamento”, enfim, era uma pessoa maravilhosa.³⁵

Outros relatos de componentes da torcida ajudam a compreender as precauções e regras referentes ao seu comportamento, assim como da cobrança do líder quanto a isso:

Tinha um regime, não podia haver confusão, nós tínhamos regime de não ter desrespeito, de bagunça, não falar essas putarias, que hoje o gay se acha com mais liberdade de fazer putaria abertamente, nós éramos tudo na base da sacanagem, da brincadeira...³⁶

³² NOGUEIRA; COLLING. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade.

³³ WARNER. *Fear of a queer planet: queer politics and social theory*, p. xxi.

³⁴ BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*.

³⁵ CUNHA. *Depoimento de Sérgio Luiz Cunha*, p. 10.

³⁶ RODRIGUES. *Depoimento de Osmar Dziekaniaki Rodrigues*, p. 13.

O Volmar dizia aquilo, a gente cumpria tudo normalmente, a gente não saía daquilo que ele, digamos assim, projetava pro jogo né, não. Depois do jogo bom, aí cada um levava a vida que quisesse, fizessem o que quisessem fazer, mas no jogo, não. A gente procurava, mesmo dançando, pulando, se fresqueando, bichando, o termo que tu queira usar, a gente respeitava muito as pessoas né? [...] Pra não ter problemas de encontrar alguém na rua sozinho e aí alguém poder, digamos, machucar, bater, enfim, a gente procurava sempre se dar ao respeito que é pra tentar que eles nos respeitassem, mas eles não respeitavam muito [riso].³⁷

As duas falas endossam a existência de brincadeiras pelo grupo. A fala de Serginho, contudo, destoa do que, anteriormente, defendeu Volmar. Enquanto o líder diz ser “totalmente contra esse negócio de andar por aí se fresqueando”, Serginho reafirma que o coletivo fresqueava e bichava (ainda que com a ressalva referente ao respeito às pessoas). Fresqueagens e bichices, assim, ocorriam, mas aparentemente de uma forma e em um momento apropriados para que a fronteira do desrespeito não fosse invadida.

A palavra “respeito” é frequente nas entrevistas com integrantes da Coligay, se remetendo especificamente aos homens heterossexuais, entendendo que seriam eles os potencialmente incomodados, ofendidos ou invadidos, seja por falas, toques, iniciativas de flerte, ou por performances transgressoras. Tais homens – torcedores heterossexuais que conviveram com a Coligay – reiteraram a importância da manutenção desse cuidado e identificaram como eventuais atitudes impróprias e que geravam incômodo aquelas associadas com atos de (homo)afetividade e (homo)sexualidade como iniciativas de sedução, comentários ou convites sexuais. Há, assim, uma clara distinção entre quem deve conquistar o respeito e quem irá conceder o respeito,³⁸ situação essa que pode ser relacionada à pesquisa de Eng.³⁹ Neste trabalho, a autora verificou que expressões homofóbicas contra esportistas gays, lésbicas e bissexuais ocorrem principalmente quando a sexualidade é comunicada por ações de flerte ou outras iniciativas sexuais. As demonstrações de afeto eram, assim, outra das interdições que compõem as regras do jogo da Coligay.

³⁷ CUNHA. *Depoimento de Sérgio Luiz Cunha*, p. 10.

³⁸ Nesse grupo, a valorização do respeito foi identificada como uma demanda importante especificamente para as relações entre homens. A presença de poucas mulheres e a frequência com que essas são assediadas e ofendidas são mencionadas, mas tratadas com certa naturalidade (ANJOS, 2018).

³⁹ ENG. *Queer athletes and queering in sport*.

A intenção de manter essas manifestações imperceptíveis, não significa que o ambiente esportivo fosse desprovido da exploração do desejo entre homens. Pelo contrário, torcedores da Coligay e de outras torcidas organizadas mencionaram a ocorrência de encontros sexuais no ambiente da torcida e da boate Coliseu, envolvendo pessoas do universo futebolístico, muitos dos quais que se apresentavam publicamente como heterossexuais.⁴⁰

Concordamos que o futebol é um espaço social no qual o homoerotismo está presente, quer queiram ou não seus torcedores, praticantes, amantes. A interação coletiva (ou interpessoal) que provoca, carrega desejos, corporalidades, afetividades, gozos de diversos modos e em graus diferenciados.⁴¹

Bandeira descreve que o futebol privilegia a expressão de um “amor de macho”, em que homens se permitem abraçar desconhecidos e declarar sentimentos efusivamente, sem que isso suscite suspeitas de sua sempre presumida e cobrada heterossexualidade.⁴² Quando essa condição sabidamente inexistente, como no caso dos integrantes da Coligay, novos limites são estabelecidos, como a noção do “respeito” evidência. E, como já dito, mesmo a discricção nas relações entre eles é exigida para que, publicamente, pudessem ser vistos como assexuados, o que, aos olhares conservadores, era algo positivo. A tolerância pressupõe um esforço de docilização e deserotização daqueles corpos torcedores, fazendo deles “apenas” alegres e engraçados.

Nessa lógica, músicas que abordam as relações proibidas, eram aceitas. Os gritos se voltavam para jogadores considerados atraentes: “Vamos todas para o altar, que chegou o Baltazar”; “Com tanga ou sem tanga, queremos o Manga”.⁴³ Por outro lado, os versos apenas sugerem encontros homoafetivos, não fazendo referência explícita a atos sexuais, nem utilizando palavrões ou quaisquer termos que façam referência a órgãos genitais, tantas vezes utilizados nos estádios em gritos voltados aos adversários, a fim de imputar a eles a sobrepujada condição de passivo. Vê-se que também nos cânticos da Coligay havia certo cuidado.

⁴⁰ ANJOS. *De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”*.

⁴¹ CAMARGO. Explicando o homoerotismo no futebol, s/p..

⁴² BANDEIRA. *“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol*.

⁴³ SANTOS. *Depoimento de Volmar Santos* (2015), p. 15-16.

Compondo o conjunto de restrições que determinava a fronteira das transgressões permitidas pelo grupo estava, também, a interdição à participação de travestis. Em reportagem da Placar, Volmar expôs tal critério: “Não estamos aqui por vaidade, para aparecer – mas para torcer à nossa maneira. Mas tem uma coisa. Travesti, aqui não entra. Aí seria uma avacalhação”.⁴⁴ Já em relato mais recente, publicado no livro *Coligay: tricolor e de todas as cores*, o gremista apresenta justificativa diferente para a exclusão, relacionando-a a questões de segurança. “A avaliação é que podiam ser agredidos (*sic*), em razão da ostensividade das vestes”.⁴⁵ Na entrevista para o trabalho de Anjos (2018), por sua vez, o líder confirmou que travestis não entravam na torcida e, perguntado do porquê, evitou maiores explicações: “Não, não, porque o pessoal... Não tinha nenhum motivo, não!”.⁴⁶ A mudança da narrativa de Volmar Santos pode ter sido provocada por sua percepção de que a explicação aceita na década de 1970, na atualidade poderia gerar críticas a ele e à torcida.

Apesar da regra, travestis participaram da Coligay, precisando, contudo, limitar vestimentas e adereços que expressassem sua feminilidade, segundo explica um componente da torcida “para não agredir” o público.⁴⁷ No esquema binário e cishe-teronormativo que a torcida busca respeitar, as travestis situam-se justamente na fronteira, corpos que escapam à norma e, por isso, ocupam o lugar da abjeção.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito.⁴⁸

Elas, assim, não são vistas como possibilidades de existência humana ou de performances de gênero legítimas. São “avacalhação”, são “agressões” (seguindo o dito pelos entrevistados). A invisibilidade dessas pessoas, marcada desde o nome do coletivo – Coligay – parece ter sido um elemento que contribuiu para a sua aceitação. A fala de Hélio Dourado, antigo presidente do Grêmio, ilustra isso. Ao ser perguntado

⁴⁴ FONSECA. Para o que der e vier, p. 49.

⁴⁵ GERCHMANN. *Coligay*, p. 114.

⁴⁶ SANTOS. *Depoimento de Volmar Santos* (2016), p. 14.

⁴⁷ ANJOS. De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”. GERCHMANN. *Coligay*.

⁴⁸ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 155.

sobre ter encontrado alguma resistência entre conselheiros ou diretores do clube, ele afirmou que “eles nunca deram motivo pra ter” e justificou:

Nenhum deles veio de vestido, quer dizer eram homens. Se começassem a vir de vestido, né? Não tá certo. Não, eles eram... Depende de como os caras atuam, eles atuavam muito bem e eles tinham um baita comandante, o Volmar, baita comandante. Isso era importante.⁴⁹

O enquadramento na performance de gênero esperada de um homem é apontado como elemento fundamental para que não houvesse resistência contra o grupo. Se fugissem a isso e colocassem sua condição de homem sob questionamento dariam motivo para que não fossem bem-vindos.

Contribui com isso, também, a disposição da torcida a confrontos físicos contra torcedores adversários. Embora não buscassem a briga, assumindo-se e sendo reconhecidos como pacíficos, não fugiam quando provocados, nem deixavam de defender seus pares gremistas. Assumiam, assim, um comportamento condizente com a virilidade masculina valorizada, sobretudo no contexto das torcidas de futebol.

Mas não foram apenas aspectos referentes a gênero e sexualidade que funcionaram como facilitadores para que a Coligay obtivesse sucesso em sua ousada empreitada. Os privilégios de classe eram relevantes, inclusive, para o sustento de uma torcida que se mantinha sem apoio financeiro do clube. O grupo tinha como participantes ou apoiadores “gente importante”, “bem-nascidas”, “de fino trato”,⁵⁰ “pessoas da alta sociedade”⁵¹ e as “bichas mais famosas da nossa praça”.⁵² Segundo lembra o antigo integrante da torcida organizada Força Azul, André, “a maioria era ligado a salão de beleza e na época dava muito bom dinheiro. [...] Não vou dizer que eram ricos, mas passavam muito longe de pobres. Talvez sejam o que chamam de classe média hoje”.⁵³

Também é preciso considerar, em especial, a figura de Volmar, dado que sua liderança era centralizada e amplamente reconhecida, sendo ele não apenas o presidente, mas uma espécie de porta-voz do coletivo. Sem desconsiderar os méritos

⁴⁹ DOURADO. *Depoimento de Hélio Dourado*, p. 9.

⁵⁰ FONSECA. *Para o que der e vier*, p. 49.

⁵¹ BUENO. *Grêmio está recebendo um incentivo diferente*, p. 48.

⁵² PORTO. *O torcedor sabe o que é bom*, p. 30.

⁵³ CARMO DOS SANTOS. *Depoimento de André Luís Carmo dos Santos*, p. 9-10.

relativos à capacidade de liderança e a dedicação de Volmar, destacamos que sua condição de homem cisgênero, branco e empresário da noite gay porto-alegrense representava uma posição privilegiada em termos de status social e de rede de relações as quais poderia acionar. Ademais, no diálogo com homens heterossexuais do universo futebolístico, o fato de dotar de certa passabilidade heterossexual⁵⁴ possivelmente foi um facilitador. Em conjunto, a masculinidade que performava, a cor, a condição social e mesmo a personalidade de Volmar contribuíram para que a Coligay adquirisse respeitabilidade em círculos sociais diversos. Os relatos de Volmar e do então presidente do Grêmio, Hélio Dourado, sobre uma reunião que fizeram, são indicativos disso:

[Volmar se referindo a Hélio Dourado] Foi muito receptivo, porque eu sempre fui uma pessoa que sempre soube como chegar nas pessoas. Eu não levei os componentes, eu fui sozinho conversar com ele, entendeu? E quis mostrar para ele a experiência que eu tinha da vida, [...] e demonstrei para ele que realmente nós não estávamos fazendo aquilo por uma brincadeira.⁵⁵

[Hélio Dourado se referindo a Volmar] Eu gostei muito dele, o modo dele se dirigir, tal e tal. Ele tinha um acesso muito grande aos outros [...]. A Coligay foi um espetáculo, porque o presidente da Coligay realmente era um sujeito pra frente, sujeito pra frente, sujeito espetacular, me encontrei com ele agora depois de anos e anos, ele fez uma festinha aqui em Porto Alegre, fez um churrasco. É uma beleza de pessoa, continua o mesmo sujeito, muito bacana.⁵⁶

O fato de ir sozinho à reunião e de falar de sua trajetória pessoal indica seu entendimento acerca da necessidade de demonstrar que ele, como responsável pela torcida, era uma pessoa confiável e que o grupo que coordenava era sério. Sua capacidade de “chegar nas pessoas”, referenciada na lembrança positiva de Dr. Hélio ao “modo dele se dirigir” indica a adequação do torcedor às expectativas referentes à postura por alguém que ocupa o mais alto cargo da hierarquia gremista.

Mas não é apenas a conduta de Volmar que é elogiada. André destacou a educação e boa índole de todos os torcedores que conheceu: “Se vestiam muito bem e eram pessoas muito educadas, eu lembro muito bem também. Que eles eram

⁵⁴ Por passabilidade heterossexual considero a condição de “passar por” heterossexual, tendo em vista a inteligibilidade social dos corpos sexuados (DUQUE, 2013).

⁵⁵ SANTOS. *Depoimento de Volmar Santos* (2015), p. 10.

⁵⁶ DOURADO. *Depoimento de Hélio Dourado*, p. 6.

muito finos, muito educados, nada de escândalo, nada daquelas pessoas que... cachaceiro, bagaceiros, não, não. Eram todos muito elegantes, muito finos e educados, sobretudo”.⁵⁷

A atitude polida, simpática e bem-comportada de integrantes da Coligay facilitou, assim, que fossem aceitos e bem quistos em meio a outras torcidas gremistas. Conforme Hélio Dourado afirma “Eu nunca vi nada que os desabonasse. Sempre foram muito bacanas, cordatos, trabalhadores”.⁵⁸

Outro importante valor da Coligay é a sorte. Por ter surgido no início do Campeonato Gaúcho no qual o Grêmio deu fim a um jejum de oito anos sem títulos, a torcida ficou marcada como “pé-quente”. Em um futebol brasileiro, permeado de práticas supersticiosas,⁵⁹ a Coligay tornou-se um amuleto, um elemento que contribuiria para que o time alcançasse resultados positivos. Somada a essa contribuição no campo do sobrenatural, a torcida também ajudava a performance dos jogadores na sua condição objetiva de torcida, se fazendo presente em todos os jogos do Grêmio e apoiando de forma animada e ininterrupta.

Anderson identifica que atletas gays que são vistos como importantes para o sucesso esportivo de suas equipes têm maior chance de aceitação entre colegas heterossexuais. O autor aponta que a homossexualidade ainda seria majoritariamente vista como uma desvantagem por dirigentes, treinadores e atletas, a qual seria mais facilmente aceita diante da compensação em termos de performance esportiva que aquele atleta puder trazer.⁶⁰ O suposto bom agouro trazido pela Coligay poderia funcionar de forma similar, ou seja, contribuindo para a tolerância – e não necessariamente o acolhimento e valorização – daqueles que, *a priori*, poderiam se mobilizar em prol de sua exclusão.⁶¹

⁵⁷ CARMO DOS SANTOS. *Depoimento de André Luís Carmo dos Santos*, p. 10.

⁵⁸ GERCHMANN. *Coligay*, p. 169.

⁵⁹ DAOLIO. Dente de alho, galho de Arruda... Crenças e superstições no futebol brasileiro. MENANDRO. A Copa do Mundo é nossa: futebol e comportamento supersticioso.

⁶⁰ Wellard (2006) verifica que, mesmo entre equipes e clubes esportivos gays, habilidade esportiva e performance corporal são os fatores centrais para uma participação bem-sucedida. De forma similar, Camargo (2014, p. 44) menciona que “mesmo entre atletas homossexuais, a evocada ‘masculinidade esportiva’, em meus termos, baseia-se nos rituais de dominação de gênero, algo já bastante conhecido e proposto pelo sistema patriarcal e reproduzido, em geral, à exaustão pelos sujeitos presentes no mundo dos esportes”.

⁶¹ ANDERSON. In the game: gay athletes and the cult of masculinity.

Nesse sentido, uma série de atributos da Coligay lhe conferem os requisitos para que fosse aceita, ou mesmo respeitada e valorizada, por gremistas. Inspirada nas recitações prescritivas do “bom sujeito gay” propostas por Pochay,⁶² Anjos identifica a Coligay como uma “boa torcida gay”, por congregar um determinado conjunto de características da cisheteronormatividade e da cultura futebolística, sendo eles: seus integrantes compactuam com o binarismo masculino/feminino, invisibilizando os corpos dissonantes; as transgressões da norma de gênero ocorrem no contexto específico e restrito do jogo; suas performances são consideradas engraçadas e animadas para o público presente; respeitam os limites impostos pelos homens heterossexuais à sua volta, conquistando de volta o respeito destes; revelam-se pessoas educadas, trabalhadoras e sem vícios, dispostas ao confronto físico, sem, contudo, serem violentas; são pé-quentes; e, por fim, gremistas.⁶³

Tudo isso fazia com que, mesmo apresentando uma prática de torcer considerada dissonante diante da norma da masculinidade hegemônica vigente no campo futebolístico, seja possível afirmar que a torcida apresentava uma “vibração ordeira”.⁶⁴ A fala do então comissário-chefe do setor de meretrício e vadiagem da Delegacia de Costumes, Teotásio Pielewski, para uma reportagem feita pela revista *Placar* reitera isso. “Estamos de olho nos rapazes e até agora não notamos nenhuma atitude inconveniente. Se algum provocar os outros torcedores, será retirado. Só isso. Nem a faixa que os identifica como homossexuais é ilegal”.⁶⁵ Ainda que, naquele momento, atestando a legalidade das manifestações da Coligay, a citação evidencia que as ações da torcida passavam pela atenta vigilância policial.

⁶² Articulando gênero, norma sexual, classe social e racialização, Pochay (2011, p. 106) afirma que a representação do “bom sujeito gay” encontra-se apoiada em uma “imagem de adequação homossexual” colada aos referentes de família, status econômico e intelectual, discursos eugénistas de uma sexualidade pasteurizada e binarismos generificados, que na reinterpretação da vida heteronormalizada elevam a trama discursiva do amor romântico a um patamar de elegibilidade humana e de forma privilegiada de reconhecimento. Isto é: “alguém até pode ser homossexual”, mesmo com toda a onda religiosa ou familista fundamentalista, mas desde que demonstre amor pelo outro e queira-se mostrar um sujeito viável, possível, reconhecível. In: POCAHY. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*.

⁶³ ANJOS. De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”.

⁶⁴ GERCHMANN. *Coligay*, p. 120.

⁶⁵ FONSECA. Para o que der e vier, p. 49.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Coligay tinha uma coreografia e era uma coreografia gay.⁶⁶

A Coligay é um marco na história do futebol, tendo em vista sua grandiosidade, longevidade e repercussão. A torcida desnaturalizou o heterossexismo do futebol e impôs novos parâmetros de sociabilidade nas arquibancadas, representando uma “pedra nos sapatos dos preconceituosos”,⁶⁷ como dito na Coluna do Meio, de Celso Curi e um “golpe no lendário machismo gaúcho”, nas palavras de Divino Fonseca, da Placar.⁶⁸ Ainda que isenta de um projeto de politização unificado, foi uma mobilização com importantes efeitos políticos.

Embora não pareça haver uma relação direta ou explícita da Coligay com algum movimento de militância homossexual, neste texto procuramos demonstrar como sua história foi conectada ao contexto político e cultural em que emergiu e, mais especificamente, ao cenário de emergência de uma cena homossexual e de contraposição à moral sexual conservadora em diferentes partes do país.

Com inegável importância no ambiente futebolístico, a Coligay levantou questões acerca do lazer esportivo e da sociabilidade por meio de uma atuação distinta à praticada por grupos e movimentos políticos e sociais. Ainda assim, tal movimentação foi necessária e importante para a ocupação dos estádios por sujeitos desalinados à cisheteronormatividade ali imposta, também contribuindo para a desconstrução de preconceitos dirigidos à população LGBTQ+. A seu modo, trouxeram contestações, deslocamentos de normatizações sexuais e afirmaram a diversidade, assim como produziram novos sentidos para a experiência torcedora:

A Coligay apresentou-se, assim, como um espaço de acolhimento e segurança para aqueles/as torcedores/as cujas identidades e/ou performances sexuais e de gênero, de antemão, os/as colocava em condição de rejeição e risco. [...] Ainda que uma pequena parte do grupo já frequentasse estádios ou mesmo TOs, é inegável que a Coligay proporcionou um novo tipo de sociabilidade torcedora.⁶⁹

⁶⁶ BUENO. *Depoimento de Eduardo Rômulo Bueno*, p. 22.

⁶⁷ TUDO..., p. 46.

⁶⁸ FONSECA. *Para o que der e vier*, p. 49.

⁶⁹ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay*, p. 105.

Acreditamos que tais movimentos subversivos e contestatórios só foram possíveis por encontrarem um cenário propício e também por uma série de características do grupo. O “bom comportamento” deu condições para o estabelecimento de relações harmoniosas com dirigentes, outros agrupamentos de torcedores do Grêmio, além da própria mídia da época, o que foi fundamental para viabilizar a permanência da torcida nos estádios por um período tão longo, superando resistências vindas tanto do governo ditatorial, quanto de agentes futebolísticos com quem convivia cotidianamente. Cabe lembrar que dois anos depois, a Fla-Gay, que se anunciava como a torcida gay do Clube de Regatas Flamengo (RJ) não conseguiu superar tais obstáculos.⁷⁰

Ainda que as transgressões da Coligay estiveram sujeitas a certos limites, inegavelmente, produziram reconfigurações nas relações dentro do campo futebolístico e nos olhares, de forma a construir o para o que antes era tido como ilegítimo ou mesmo inconcebível. Naquele período histórico novos limites acerca do torcer foram reivindicados e conquistados por aqueles corpos torcedores rebojantes, desejantes e provocativos, sem pudor de fresquear nas arquibancadas de estádios de futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: história dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Orais**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século Edições, 2000.
- ANDERSON, Eric. **In the game**: gay athletes and the cult of masculinity. New York: State University of New York Press, 2005.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês**: uma história da Coligay. Santos, SP: Dolores Editora, 2022.

⁷⁰ A Fla-Gay foi uma facção gay da torcida do Flamengo que ganhou visibilidade em noticiários esportivos cariocas, em outubro de 1979. A torcida tinha como fundadores o jornalista Pedro Paradela e o famoso carnavalesco Clóvis Bornay. A anunciada estreia da torcida acabou não ocorrendo. Após a ampla repercussão da criação da Fla-Gay, seguida de rejeição de facções da torcida do Flamengo endossadas pelo presidente do clube Márcio Braga, não foram encontrados registros de que ela tenha chegado a marcar presença em arquibancadas de estádios. Sobre a repercussão midiática em torno da Fla-Gay, recomenda-se a leitura de Pinto (2018).

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

AULTMAN, B. Cisgender. In: **Transgender Studies Quarterly**: postposttranssexual: key concepts for a 21st Century Transgender Studies. Duke University Press Books, v. 1, n. 1-2, 2014.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”**: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier. Explicando o homoerotismo no futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 131, n. 38, 17 maio 2020.

CAMARGO, Wagner Xavier. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **Revista de @ntropologia da UFSCar**, v. 6, n. 1, p. 41-62, 2014.

DAOLIO, Jocimar. Dente de alho, galho de Arruda... Crenças e superstições no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar. **Cultura**: Educação Física e Futebol. 3a Ed rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis**: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

ENG, Heidi. Queer athletes and queering in sport. In: CAUDWELL, Jayne (Ed.). **Sport, sexualities and Queer/Theory**. New York: Routledge, p. 49-61, 2006.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GERCHMANN, Léo. **Coligay**: tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GOLIN, Célio. **Nuances 25 anos**. Uma trajetória inconformada com a norma. Porto Alegre: s/ n., 2017.

GRAÇA, Rodrigo. Performatividade e política em Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos. **Perspectiva filosófica**, v. 43, n.1, 21-38, 2016.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**: Revista de Estudos Gays, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2012.

MATTOS, Amana Rocha; CIDADE, Maria Luiza Rovaris. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. **Periódicus**: Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, n. 5, v. 1, 2016.

MENANDRO, Paulo Rogério Meira. A Copa do Mundo é nossa: futebol e comportamento supersticioso. **Psicologia e Saber Social**, v. 3, n. 1, p. 118-123, 2014.

NOGUEIRA, Gilmaro; COLLING, Leandro. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados/MS: Ed. UFGD, 2015.

OLIVEIRA, Leonardo Davino de. Desbunde e resistência: terceiras margens do lado de lá do lado. In: PINHO, Davi et al. (Org.). **Conversas sobre literatura em tempos de crise**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2017.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. Dissertação (Mestrado em Ciências). Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PINTO, Maurício Rodrigues. A “praga” da Fla-Gay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro. **Rebeh**: Revista Brasileira de Estudos da Homocultura. Redenção, v. 1, n. 4, p. 102-123, 2018.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens**: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

QUINALHA. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa. (Orgs.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Ed. Alameda, 2018.

SOUZA, Rafael de. **“Saindo do Gueto”**: o movimento homossexual no Brasil da abertura, 1978-1982. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

WARNER, Michael. Introduction. In: WARNER, Michael (Ed.). **Fear of a queer planet**: queer politics and social theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

WELLARD, Ian. Exploring the limits of queer and sport: gay men playing tennis. In: CAUDWELL, Jayne (Ed.). **Sport, sexualities and Queer/Theory**. New York: Routledge, p.76-89, 2006.

Periódicos

AGITA-SE... **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 40, 28 dez. 1978.

BUENO, Eduardo. Grêmio está recebendo um incentivo diferente. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 44-45, 16 maio 1977.

UM GAY power a brasileira. **Veja**, São Paulo, p. 70, 24 ago. 1977.

FONSECA, Divino. Para o que der e vier. **Placar**, n. 370, p. 48-50, 27 maio 1977.

PORTO, Antônio Carlos. O torcedor sabe o que é bom. **Folha da Manhã**, p. 30, 12 maio 1977.

SÃO NOSSAS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 30, 26 set. 1977.

TUDO com a Coligay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 46, 29 maio 1977.

EM ACINTOSO... **Veja**, São Paulo, p. 71, 01 jun. 1977.

Depoimentos

BUENO, Eduardo Rômulo. **Depoimento de Eduardo Rômulo Bueno (Peninha)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

BUENO, Fernando. **Depoimento de Fernando Bueno**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

CARMO DOS SANTOS, André Luís. **Depoimento de André Luís Carmo dos Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

CUNHA, Sérgio Luiz. **Depoimento de Sérgio Luiz Cunha (Serginho)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

DOURADO, Hélio. **Depoimento de Hélio Dourado**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

GOLIN, Celio. **Depoimento de Celio Golin**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RODRIGUES, Osmar Dziekaniaki. **Depoimento de Osmar Dziekaniaki Rodrigues (Careca)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

SANTOS, Volmar. **Depoimento de Volmar Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

SANTOS, Volmar. **Depoimento de Volmar Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

* * *

Recebido em: 15 de julho de 2022.
Aprovado em: 15 de maio de 2023.